CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
A ESCOLA E A TERCEIRA GERAÇÃO
19 de julho de 2023

NUVEM / 1991

Um filme de Ana Luísa Guimarães

Realização: Ana Luísa Guimarães / Argumento: Ana Luísa Guimarães, Vítor Gonçalves, João Maria Mendes / Direcção de Fotografia: Manuel Costa e Silva / Montagem: Carla Bogalheiro / Música: Andrew Poppy / Som: Francisco Veloso / Guarda-Roupa e Décors: Graça Castanheira / Interpretação: Afonso de Melo (Tomás), Rosa Castro André (Laura), Guilherme Filipe (Raul), São José Lapa (Teresa), Filipe Cochofel (Júlio), Diogo Infante (Óscar), José Wallenstein (Jaime), Henrique Viana (inspector da P.J.), etc.

Produção: Trópico Filmes / Produtores: Ana Luísa Guimarães, Vítor Gonçalves, José Bogalheiro / Cópia: em 35mm, colorida / Duração: 98 minutos / Estreia em Portugal: Lisboa, Porto, Coimbra e Viseu, a 24 de Janeiro de 1992.

Aviso: Esta cópia apresenta um ruído de fundo constante.

Nuvem é uma das mais interessantes "primeiras obras" do recente cinema português. Tal como **Duma Vez Por Todas**, a primeira longa-metragem de Joaquim Leitão, **Nuvem** é um filme que se parece posicionar num novo espaço no interior dessa categoria, tão dispersa e ambígua, a que se chama "cinema português". E isso, não tanto pela hipotética ruptura com a tradição começada pelo "cinema novo", mas antes pela qualidade com que o faz. Parece inegável que **Nuvem** é um filme que se move por terrenos pouco pisados no nosso cinema. Mas é também verdade, e não é preciso citar títulos de filmes nem nomes de realizadores, que paralelamente a esse outro cinema, descendente directo ou indirecto da corrente inaugurada nos anos 60, houve muitas tentativas e muitas carreiras dedicadas aos "filmes portugueses que os portugueses vão ver" sem ser preciso, também, citar títulos do punhado de monstruosidades que essa ideia originou. Para além, evidentemente, de ser muito discutível que os portugueses tenham, de facto, ido ver esses filmes – a este respeito, o panorama só começou a mudar alguns anos depois de 1991, graças a um conjunto de circunstâncias que, antes, nunca se poderiam ter reunido.

Não interessa, portanto, saber se quando olhamos para além desta **Nuvem** e procuramos pelo meio dos filmes supostamente mais aliciantes para o "público" vemos alguma coisa ou não: se calhar até vemos, só que nunca vimos tão *bom*. E até podíamos apostar que para tal contribui a sinceridade da sua realizadora: nos depoimentos e entrevistas concedidas na altura da estreia do filme não se vislumbra nunca no discurso de Ana

Luísa Guimarães a obsessão pelo público e pelo número de espectadores nem qualquer espécie de prelecção contra os filmes "intelectuais", para as "elites" e para o "umbigo", ideias a que dificilmente resistem alguns dos seus colegas de profissão. Em suma, Ana Luísa Guimarães fez o filme que lhe apetecia fazer, e essa honestidade está lá: não há um plano que transpire a "falso", não há truques para "agarrar" o espectador, não há nenhuma estratégia de sedução que passe pela cedência a receitas fáceis e previsíveis. No fundo, a mesma linha em que se inserem por exemplo o filme de Joaquim Leitão já citado ou mesmo o mega-sucesso de António-Pedro Vasconcelos, **O Lugar do Morto**: filmes honestos cujo maior ou menor apelo ao público é mais uma consequência do que um objectivo definido a priori.

Voltando ao caso concreto de **Nuvem,** comecemos então por apontar a originalidade das suas referências: **They Live By Night** de Nicholas Ray e **Rumble Fish** de Francis Ford Coppola foram filmes referidos a propósito pela generalidade da crítica e pela própria cineasta. Aliás, foram esses os filmes que Ana Luísa Guimarães mostrou aos seus actores como elemento de estudo para a composição das personagens. Menos referido foi o filme aonde **Nuvem** mais directamente, e em termos narrativos, foi beber: **Brighton Rock**, um filme de John Boulting com argumento de Graham Greene, realizado em 1947 e protagonizado por Richard Attenborough. A esse filme o argumento foi repescar a ideia do casamento por forma a impedir que Laura testemunhe contra Tomás e a gravação feita por este, supostamente uma declaração de amor mas afinal um chorrilho de insultos, e que em **Nuvem** propicia aliás um dos mais cruéis finais de todo o cinema português.

Tendo tudo isto em conta, toma-se evidente que por mais originais que sejam, no contexto do cinema português, as fontes de inspiração assumidas pela cineasta, só por si não garantiam o sucesso da aposta. Temos aliás assistido a filmes portugueses que falham precisamente na transposição de modelos, que não são nunca apenas cinematográficos mas também sociais e culturais. **Nuvem** ganha pontos precisamente nessa transposição, primeiro por uma fuga à caracterização sociológica das suas personagens, ou seja, furtando-se a um "discurso social" pela maneira como centraliza a narrativa em tomo das personagens, e lhes procura revelar sobretudo a psicologia. Dessa maneira, a história de **Nuvem** toma-se numa história "universal", que se passa aqui, como podia passar noutro lugar qualquer. Depois, tem que se destacar a excelente escolha de cenários naturais (magnificamente fotografados pela objectiva de Manuel Costa e Silva) para algumas das cenas cruciais do filme. A fabulosa ponte do início por onde cai José Wallenstein; a piscina onde lutam Tomás e Júlio; o Cabo da Roca, onde Tomás acabará por morrer, lugar sem saída e fim de caminho, uma belíssima metáfora que salienta a importância do décor durante todo o filme: se este é fundamental, é-o sobretudo pelo seu valor simbólico e dramático mais do que por questões propriamente geográficas, o que vem ao encontro da almejada "universalidade" da história. Lisboa transfigura-se assim, e pode-se dizer que, em **Nuvem,** cabe nela todo o mundo.

Luís Miguel Oliveira

Texto escrito para uma exibição do filme nos anos 90, conservando, sobretudo nos primeiros parágrafos, muitas marcas desse contexto.